

JORNALISMO, LITERATURA E CONFLITOS
da Redação de Notícias à Literatura, sem esquecer as vítimas

Antônio Carlos Ribeiro¹

Resumo: A ação abordará a literatura crítica na passagem do século XIX ao XX, em diálogo com três jornalistas-literatos/as geniais: Machado de Assis (1839-1908), Lima Barreto (1881-1922), Clarice Lispector (1920-1977) e Alberto Dines (1932-2018) os dois primeiros contemporâneos, embora a família Lispector se mudou da Ucrânia para o Brasil. Quatro jornalistas, todos com passagens em jornais cariocas, que viveram suas lutas, cada qual com seu estilo, produziram suas obras e atuações com consistência, beleza estética e profusão, ao se movimentarem entre as redações de jornais cariocas ao mundo da notícia, escrevendo notícias e romances.

Palavras-chave: Jornalistas-Literatos; Machado de Assis; Lima Barreto; Clarice Lispector; Conflitos.

Abstract: The action will address critical literature in the passage from the 19th to the 20th century, in dialogue with three brilliant journalists: Machado de Assis (1839-1908), Lima Barreto (1881-1922), Clarice Lispector (1920-1977) and Alberto Dines (1932-2018) the first two contemporaries, although the Lispector family moved from Ukraine to Brazil. Four journalists, all with passages in Rio newspapers, who lived their struggles, each with their style, produced their works and performances with consistency, aesthetic beauty, and profusion, as they moved between the newsrooms of Rio newspapers to the world of news, writing news and novels.

Keywords: Journalists-Literati; Axe of Assisi; Lima Barreto; Clarice Lispector; Conflicts.

INTRODUÇÃO

A atividade jornalística implica num ritmo de trabalho intenso. Da busca de informações cotidianas até chegar à redação para organizar o texto, sugerir imagens para ilustradores (chargistas, cartunistas e fotógrafos), sob o calor da emoção e leitura do bloco de informações

13

¹ Pós - doutor em Letras (Universidade Federal do Tocantins), Pós - Doutor em Letras (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), graduado em Comunicação Social – Jornalismo (Universidade Gama Filho) e Graduado em Teologia (Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil). antoniocarlosrib@unifesspa.edu.br (*) Autor para correspondência.

para recobrar a conexão de ritmos, das ênfases e do esforço de quem não tem muitos recursos na passagem do séc. XIX para o XX, conferir as últimas informações e encaminhar as laudas para o editor.

Esse ritmo de cinco horas diárias de trabalho forçado gera desgastes – especialmente quando parte da reportagem implica em coberturas de eventos públicos e privados – exigem retorno à redação para concluir a entrevista, apuração, redação, revisão e a decisão das editorias de Política e Fotografia. Isso implica em permanecer mais horas, aguardar respostas da apuração e revisão de matérias que só aparecerão no *Caderno Cidades*.

Para os que já atuaram nesta correria, a redação fervilha na conclusão das editorias como Cidade, Política, Economia e Cadernos Extras mais exigidas para a impressão e transporte da primeiras edições para os EUA, Inglaterra, França e Alemanha, seguindo os despachos dos correspondentes durante a tarde, dos anos 60, 70 e 80, quando os jornais do Eixo Rio-São Paulo-Brasília acessam o noticiário das Agências noticiosas disputando a criatividade da narrativa querendo ocupar o mercado brasileiro, e a distribuição nas principais capitais brasileiras.

Num mercado em que os jornais já tinham incluído produção de conteúdo de qualidade, como Cultura, Esportes, Mercados e Classificados, além do Caderno B, que atendiam o mercado livreiro, com editoras ofertando novas publicações, especialmente para o público universitário público e privado.

1. DOS JORNAIS AO JORNALISMO-LITERÁRIO ENTRE O SÉC. XIX-XX

A interface jornalismo-literatura é o caminho que confronta a condição social, sacode a dependência pueril e leva ex-escravos jovens jornalistas brasileiros como o jurista e jornalista Luiz Gama (1830-1882), o engenheiro André Rebouças (1838-1898) - que dá nome ao túnel que liga o bairro do Estácio de Sá à Lagoa Rodrigo de Freitas - e José do Patrocínio (1853-1905), que se muda de Campos dos Goytacazes para o Rio de Janeiro, perseguidos pelas elites do domínio da escravidão.

Para entender as relações com o Estado, deve-se considerar a presença da imprensa nos anos 1930, entendido não somente como comando político, mas como formação que combina uma simbologia em que os aspectos semióticos se sobressaem. O Estado condensa pelo menos três temas etimológicos: o *status*, no sentido de posição; a *pompa*, no sentido de esplendor; e

governança, no sentido de soberania. O que designamos por Estado combina estas três ações. (GEERTZ: 1991, p. 153-163).

A narrativa na interface jornalismo-literatura é a novidade que aproxima os caminhos da comunicação entre os séculos XIX-XX. Essa situação ocorria quando fatos cotidianos não tinham registro e nem eram confirmáveis, mas se aproximavam do folhetinesco e do conto, sem a densidade do que o público entendia como ‘confiável’.

O Rio de Janeiro ganhou jornalistas e jornais, tribunais, senado, escolas, bibliotecas, universidade, aduaneira, comércio, ferrovias, teatro, bancos, e atraiu médicos, juristas, escritores, contabilistas e jornalistas no Segundo Reinado (1841-1889), (BARBOSA: 2007, p. 21-25) que se estenderam nos anos seguintes com a Proclamação da República, promovida pelo Exército, por causa da crise política e financeira, sem recurso para o soldo da tropa.

Com o advento da República, a população criou expectativas em relação ao jornalismo, havendo já 23 jornais registrados em 1938, na República de Getúlio Vargas, entre vespertinos e matutinos. São eles:

Jornal do Commercio, centenário; *Diário de Notícias*; *O Jornal*; *Diário da Noite*; *A Noite*; *A Manhã*; *Correio da Manhã*. Havia outros jornais sem muita expressão, como *A Batalha*; *A Nação*; *O Radical*; *Voz de Portugal*; *Correio da Noite: A Nota*; *Vanguarda e Democracia*. Há ainda jornais diários e tradicionais como o *Jornal do Brasil*; *O Imparcial*; *Gazeta de Notícias*; *Diário Carioca* e *O Globo*, publicados com uma média de 24 páginas por edição.

Este gênero se mostrava possível a partir das publicações de impressos nas culturas europeias, possibilitando a integração, demonstrando a proximidade de leitores, autores e editores já no século XVIII, cuja interface é o mais claro registro da época. A população tem a vida organizada pelo aqui (onde estou) e o agora (tempo presente) para atuar na vida diária.

Realidade é construção, interpretação é subjetiva, valor é relativo e informação é momentânea. No entanto, os gêneros jornalísticos, não dependem apenas de critérios técnicos. Para que os conceitos sejam elaborados, sistematizados e colocados em prática, o redator depende da linguagem – o pensamento humano em elaboração contínua – herdados da oratória dos gregos e romanos.

É a linguagem que serve para encadear os fatos surgidos do acontecimento, propiciar os sentidos para o público leitor, permitindo-lhe distinguir o vantajoso do desvantajoso, o justo do injusto, o bom do mau. “O homem não é inteligente por ter mãos, mas por ter boca”. (Anaxágoras (Ἀναξαγόρας; ca. 500 a.C.-428 a.C.), filósofo grego, *apud* COTTA: 2005, p. 10)

2. MACHADO DE ASSIS: JORNALISTA, CONTISTA, CRONISTA, ROMANCISTA, POETA E TEATRÓLOGO, COM CRÍTICA, TRADUÇÃO E MISCELÂNIA

Guiomar passou da poltrona à janela, que abriu toda, para contemplar a noite — o luar que batia nas águas, o céu sereno e eterno. Eterno, sim, eterno, leitora minha, que é a mais desconsoladora lição que nos poderia dar Deus, no meio das nossas agitações, lutas, ânsias, paixões insaciáveis, dores de um dia, gozos de um instante, que se acabam e passam conosco, debaixo daquela azul eternidade, impassível e muda como a morte.

Machado de Assis. **A mão e a luva.**

Essa atividade profissional exercida desde a segunda metade do séc. XIX por Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), que foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, com crítica, tradução, miscelânea, sempre associado aos serviços públicos e com a formação equivalente nos estudos, somado à genialidade, a capacidade de articulação, com o apoio da família, os efeitos da epilepsia e a incrível capacidade de fazer uma leitura social profunda e detalhada, que lhe permitiu publicar seus romances no folhetim dos jornais da época.

Conheceu o padre francês Silveira Sarmiento a quem propôs ensinar-lhe a língua portuguesa em troca do ensino do idioma francês, o ajudava nas missas e se tornou seu mentor de Latim. Em 1867 foi nomeado ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*. (“Machado de Assis | Academia Brasileira de Letras”) A publicação de folhetins dos jornais, tinha tal reconhecimento que havia filas nas bancas, para não perder o encadeamento da edição anterior.

Os primeiros romances de Machado de Assis, *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena e Iaiá Garcia* saíram em 1872. *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi publicado em 1881. "Papéis avulsos, de 1882, foi sua primeira coletânea de contos dessa fase realista." (“Papéis Avulsos - Itiban Comic Shop”)

No ano seguinte, o escritor foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, iniciando assim a carreira de burocrata, que lhe seria até o fim, o meio principal de sobrevivência. Suportou as crises da Escravidão, possivelmente para não se confrontar com as elites conservadoras, seus maiores leitores e manter suas conquistas.

Os avanços, o reconhecimento e o prestígio lhe permitiam atuar no serviço público, pela cultura e a publicação dos contos nos jornais, até criar e ser o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Em 1899, publicou *Dom Casmurro*. Escreveu mais de quatrocentas crônicas para o periódico *Gazeta de Notícias*. Em 1897, foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, instituição que ajudara a fundar no ano anterior. Morreu em 1908.

A escritora e linguista alemã Susan Sontag, que viveu seus últimos anos nos Estados Unidos, scandalizou-se com o fato de a extrema cultura de Machado de Assis nunca fosse reconhecida pelas elites de seu país e poucas vezes publicado no exterior, afirmando:

VIDAS PÓSTUMAS: O CASO DE MACHADO DE ASSIS

Imaginem um escritor que, no curso de uma vida moderadamente longa, durante a qual nunca viajou mais de 120 quilômetros além da capital onde nasceu, criou uma obra vasta... um escritor do século XIX, me interromperão vocês; e estarão certos: autor de uma profusão de romances, novelas, contos, peças, ensaios, poemas, resenhas, crônicas políticas, bem como repórter, editor de revista, burocrata do governo, candidato a um cargo público, fundador e presidente da Academia de Letras do seu país; um prodígio de realizações, de superação da doença social e física (era mulato, filho de uma escrava num país onde a escravidão só foi abolida quando ele tinha quase cinquenta anos; era epilético); que durante essa carreira intensamente prolífica, exuberantemente nacional, conseguiu escrever um número considerável de romances e contos, dignos de um lugar permanente na literatura mundial, e cujas obras-primas, fora de seu país natal, que o honra como seu maior escritor, são pouco conhecidas, raras vezes mencionadas.

Imaginem um escritor assim, que existiu, e seus livros originalíssimos, que continuam a ser descobertos, mais de oitenta anos após a sua morte. Normalmente, o filtro é justo, deixa de lado os apenas celebrados ou bem-sucedidos, resgata os esquecidos, promove os subestimados. É na vida póstuma de um grande escritor que as questões misteriosas do valor e da permanência são resolvidas. Talvez venha a calhar que esse escritor, cuja vida póstuma não trouxe para a sua obra o reconhecimento de seus méritos, tenha sido dotado de um sentido do póstumo tão agudo, tão irônico, tão cativante.

O que é verdadeiro para uma reputação é verdadeiro – deveria ser verdadeiro – para uma vida. Uma vez que só uma vida completa revela a sua forma e o sentido que uma vida pode ter, uma biografia que se pretende definitiva deve esperar até a morte do seu tema. Infelizmente, as autobiografias não podem ser compostas nessas circunstâncias especiais. E quase todas as autobiografias ficcionais dignas de nota respeitaram a limitação das autobiografias reais, ao mesmo tempo que evocavam mentalmente o melhor similar possível das iluminações concedidas pela morte. As autobiografias ficcionais, de modo até mais frequente que as autobiografias reais, tendem a ser ocupações do outono da vida: um narrador idoso (ou pelo menos amadurecido prematuramente), depois de afastar-se da vida, escreve. Porém, por mais próximo do ponto ideal de observação a que a idade avançada possa levar o autobiógrafo fictício, ele ou ela ainda estará escrevendo no lado errado da fronteira, além da qual uma vida, uma história de vida, enfim faz sentido. (SONTAG: Cia das Letras)

Quem não leu Machado de Assis, nunca entendeu o Brasil do Século XIX.

A bibliografia de Machado de Assis - o 'Bruxo do Cosme Velho' - as crônicas e folhetins em jornais, disputados nas bancas cariocas e eternizados em livros, era composta de temáticas gerais:

Desencantos (1861); *Miss Dollar* (1870); *Contos Fluminenses* (1870); *Falenas* (1870); *Ressurreição* (1872); *Histórias da Meia-Noite* (1873); *A Mão e a luva* (1872); *Helena* (1876); *Garcia* (1878); *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *O Alienista* (1882); *O Espelho* (1882); *Papeis avulsos* (1882); *A Cartomante* (1884); *Histórias sem data* (1884); *Conto de Escola* (1884); *Um Apólogo* (1885); *A Causa Secreta* (1885); *Dom Casmurro* (1889); *Páginas Recolhidas* (1889); *Quincas Borba* (1891); *O Caso da Vara* (1891); *Várias histórias* (1896); *Poesias Completas* (1901); *Esau e Jacó* (1904); *Pai contra Mãe* (1906); *Relíquias de Casa Velha* (1906); *Memorial de Aires* (1908); *O Enfermeiro* (1968). Algumas delas, sem data de publicação, como *Contos de Machado de Assis*; *The Collected Stories of Machado de Assis*; *Machado de Assis: 26 Stories*; *The Devil's Church and Other Stories*; *A Igreja do Diabo*; *Bons Dias! Crônicas*; *A Carteira*; *Teoria do Medalhão*; *Uns Braços*; *Uma Senhora*; *50 Contos*; *Noite de Almirante*; *Um homem célebre*; *A Sereníssima República*; *Os melhores contos*; *A Chinela Turca*; *Obra Completa em quatro volumes*; *Trio em lá menor*; *Trilogia Realista*.

3. LIMA BARRETO: JORNALISTA, ESCRITOR, NACIONALISTA

- *Mestre Catulo, então os rapazes não quiseram cantar o teu hino nacionalista?*
- *Eles, não; fui eu quem não quis.*
- *Por quê? O Carnaval é nossa verdadeira festa nacional...*
- *O momento era de calhar, perfeitamente adequado...*
- *Não há dúvida, mas o estão estragando...*
Lima Barreto. **Careta.**

Ele era bem diferente. Não foi subalterno, nunca engoliu a burguesia, incluía negros e negras, tinha postura firme e razão. Afonso Henriques Lima Barreto (1881-1922) era jornalista e escritor brasileiro, que publicou romances, sátiras, contos, crônicas e uma vasta obra em periódicos, principalmente em revistas populares ilustradas e periódicos anarquistas do início do século XX. Era um nacionalista orgulhoso de seu país e quer tornar o Brasil mais brasileiro.

Quando era desacatado, respondia de pronto, na passagem do período imperial ao republicano. Filho de João Henriques, madeireiro português, e Amália Augusta, filha de escravos que morreu precocemente, quando o filho tinha seis anos. A abolição ocorreu em 1888, no dia do seu aniversário de sete anos, mas as marcas desse período, o preconceito racial e a difícil inserção de negros e mulatos na sociedade brasileira nunca deixaram de ocupar o centro de sua obra literária. Eles lhe ensinaram altivez, coragem e orgulho nacionalista.

Lima Barreto parte em busca de um Brasil igual para todos, sem medo de enfrentar opositores por sua formação, cultura, coragem exagerada e resistência à burguesia europeizada carioca do início do século XX, que leem os jornais europeus e da elite - submissa ao capital e temerosa - que ele confronta sem medo, tem ousadia na fala e nos textos que tratam da defesa

de negros e do direito à cidadania, nos escritos publicados no Correio da Manhã e outros jornais e revistas.

A antropóloga e curadora, Lilia Schwarcz, afirma que “Lima Barreto foi um dos primeiros a declarar fazer uma literatura negra, para o bem e para o mal. Ele construiu uma *persona* para si com base em marcadores sociais da diferença – o fato de ser negro, da periferia, rejeitado, bêbado”, informa a antropóloga e curadora da revista Veja. ([https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/a-multidao-de-tipos-inesqueciveis-movimenta-seminario-na-usp/ Sabedoria chinesa](https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/a-multidao-de-tipos-inesqueciveis-movimenta-seminario-na-usp/Sabedoria chinesa))

Assumiu a trágica e divertida história de um nacionalista exagerado que quer decantar a cultura do Brasil, enfrentar a resistência da burguesia carioca do início do século XX, desencantada e europeizada, que lhe permite enfrentar e provocar sua faceta - de contista revelada ao leitor nacional – para desdenhar sua pele clara e olhos verde – que migram no verão e depois voltam ao frio do Ártico, em toda a sua plenitude.

Os editores e publicadores dizem que “a antologia será dividida em três partes. Primeiro, virão os contos que o Lima Barreto quis publicar em vida. Depois, os contos que foram sendo agregados à sua obra, sem a sua anuência. E, por fim, os contos inéditos, alguns até incompletos”, garante a antropóloga, apesar de serem textos em formação, os contos não terminados são compreensíveis no contexto em que existem – “e bonitos”. A proposta é atualizar o leitor a respeito das referências dos textos – lugares e eventos da vida de Lima Barreto e do Rio de Janeiro da República Velha.

Já Barreto é o jornalista que mais desconforto causou, à época, nos grandes jornais - dependentes das estruturas oligárquicas rurais e urbanas, de elites brancas e tradicionais. Se tornou bem conhecido pela autoria de contos e romances:

Toda Crônica (1890-1919); *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909); *O homem que sabia javanês* (1911); *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915); *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1911); *Numa e a Ninfa* (1915); *Histórias e Sonhos* (1920); *Os Brunzundangas* (1922); *Clara dos Anjos* (1948); *A Nova Califórnia* (1979); *Subterrâneo do Morro do Castelo* (1997); *Contos Reunidos* (2005); *Cemitério dos Vivos* (2007); *Impressões de Leitura e outros textos críticos* (2017); *O único assassinato de Cazuza* (2017); *O falso D. Henrique V* (2017); *Cló* (2018); *O moleque* (2020); *Milagre do Natal* (2020); *O número da sepultura* (2021); *Manuel Carpinteiro* (2021); *Os melhores contos; Contos de Lima Barreto; A Biblioteca; Marginália; Aventuras do Dr. Bogoloff; Coleção Contos Clássicos; Crônicas para jovens; Lima Barreto – Cronista do Rio de Janeiro; Vida Urbana; Sátiras e outras subversões; Miss Edith e seu Tio; Prosa seleta; Obra Reunida; A Indústria da Caridade; Uma autobiografia; Contos para ler na Escola; Diário Íntimo: fragmentos; Ouvindo vozes: história do ... ; Le Maroc vu de Pris; Lima Barreto e o destino da literatura; Lima Barreto, triste visionário; Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos; Migalhas de Lima*

Barreto; A Nova Califórnia e outros contos; Lima Barreto em quatro tempos; Histórias e Sonhos; Novas Selectas; A mulher de Anacleto; A vida de Lima Barreto.

Autor do clássico romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, escrito quando o autor trabalhava como jornalista no *Correio da Manhã*, é publicado pela primeira vez em 1909, descrevendo a redação do jornal ‘O Globo’ – nome fictício do jornal ‘Correio da Manhã’ – em que a literatura deixa inúmeros rastros do cotidiano das redações e, sobretudo das relações dos leitores com as publicações’. (BARBOSA: 2007, p. 125)

A aguda crítica que destina a Edmund Bittencourt, dono do jornal, vale a inclusão de Lima num índice de proibição do jornal. A partir daí, durante muitas décadas, o nome de Lima Barreto foi considerado maldito no jornal, sendo vetada terminantemente qualquer alusão ao seu nome nas páginas da publicação [...] O jornal representado por Lima Barreto é o *Correio da Manhã*. (BARBOSA: 2007, p. 125)

Quase um século depois, no Distrito Federal (Rio de Janeiro). Desde 1937 vários desses jornais saem de duas em duas horas, apesar de só modificarem a primeira e a última página. No final da década, com um número de páginas maior; divididos em cadernos, custam quarenta centavos nos dias úteis e cinquenta aos domingos. (BARBOSA: 2007, p. 109)

4. CLARICE LISPECTOR: ESCRITORA E JORNALISTA BRASILEIRA

inventei uma poesia.

– *Papai,*

– *Como é seu nome?*

– *Eu e o sol.*

– *Sem esperar muito recitou:*

as galinhas que estão no quintal já comeram duas minhocas, mas eu não vi.

Clarice Lispector. ***Perto do coração selvagem.***

Clarice Lispector (1920-1977), nascida Haya Pinkhasovna Lispector, foi uma escritora e jornalista brasileira, nascida na aldeia de Tchetchnik, na Ucrânia. Filha de Pinkouss e Mania Lispector, casal de origem judaica que fugiu de seu país diante da perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa. Ao chegarem ao Brasil, fixaram residência em Maceió (AL), onde morava Zaina, irmã de sua mãe. (“Biografia de Clarice Lispector - e Biografia”) Clarice tinha apenas dois meses de idade. Por iniciativa de seu pai, todos mudaram o nome e ela passa a ser chamada de Clarice.

É um dos maiores nomes da literatura brasileira do Século XX, com seu romance inovador e linguagem altamente poética, sua obra se destacou diante dos modelos narrativos

tradicionais. Autora de romances, contos e ensaios, é considerada uma das mais importantes do século XX e a maior escritora judia desde Franz Kafka.

Depois, a família mudou-se para a cidade do Recife, onde Clarice passou sua infância no Bairro da Boa Vista. Aprendeu a ler e escrever muito nova e logo começou a escrever pequenos contos. Foi aluna grupo escolar João Barbalho, onde fez o curso primário. Estudou inglês e francês e cresceu ouvindo o idioma dos seus pais o iídiche. (“Biografia de Clarice Lispector - e Biografia”) Ingressou no Ginásio Pernambucano, o melhor colégio público da cidade. Com 12 anos, Clarice mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, indo morar no Bairro da Tijuca. Ingressou no Colégio Sílvio Leite, onde terminou o ginásial. Era frequentadora assídua da biblioteca.

Em 1941, Clarice ingressou na Faculdade Nacional de Direito, e empregou-se como redatora da "Agência Nacional". Depois passou para o jornal "A Noite". Em 1943 casa-se com o amigo de turma Maury Gurgel Valente e se forma em direito em 1944. No mesmo ano, Clarice publica seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, que retrata uma visão interiorizada do mundo da adolescência e que abriu uma nova tendência na literatura brasileira. O romance provocou verdadeiro espanto na crítica e no público da época. Sua narrativa quebra a sequência de começo, meio e fim, assim como a ordem cronológica, e funde a prosa à poesia. A obra teve calorosa acolhida da crítica e, no mesmo ano, recebeu o Prêmio Graça Aranha.

Clarice Lispector acompanhou seu marido, diplomata de carreira, em viagens fora do Brasil, ainda em 1944. (“Biografia de Clarice Lispector - e Biografia”) Sua primeira viagem foi para Nápoles, na Itália. Com a Europa em guerra, Clarice ingressou, como voluntária, na equipe de assistentes de enfermagem do hospital da Força Expedicionária Brasileira. Em 1946, morando em Berna, Suíça, publicou *O Lustre*.

Em 1949 publica *A Cidade Sitiada*. Nesse mesmo ano, nasceu seu primeiro filho, Pedro. Dedicou-se a escrever contos e, em 1952, publica *Alguns Contos*. Depois de seis meses na Inglaterra, em 1954 foi para Washington, Estados Unidos, onde nasce seu segundo filho, Paulo. "Nesse mesmo ano, seu livro *Perto do Coração* é publicado em francês." (“Biografia de Clarice Lispector - e Biografia”)

Clarice assume o Jornalismo e a Literatura Infantil em 1959, quando se separou do marido e retornou ao Rio de Janeiro, acompanhada de seus dois filhos. Começou a trabalhar no *Jornal Correio da Manhã*, assumindo a coluna *Correio Feminino*. No ano seguinte, trabalhou no *Diário da Noite*, com a coluna *Só Para Mulheres* e, nesse mesmo ano lançou *Laços de Família*, livro de contos que recebeu o Prêmio Jabuti, da *Câmara Brasileira do Livro*.

O Mistério do Coelho Pensante, publicado em 1967, foi seu primeiro livro infantil, que recebeu o Prêmio Calunga, da Campanha Nacional da Criança. No ano seguinte publicou crônicas no *Jornal do Brasil*. "Clarice passou a integrar o *Conselho Consultivo do Instituto Nacional do Livro*." ("Biografia de Clarice Lispector - e Biografia") Era considerada uma "pessoa difícil". "Em 1976, pelo conjunto de sua obra, Clarice ganhou o primeiro prêmio do *X Concurso Literário Nacional de Brasília*." ("Biografia de Clarice Lispector - e Biografia")

Em 1967, Clarice Lispector foi contratada por Dines, a pedido de Otto Lara Resende, para publicar suas crônicas e poemas no *Caderno B*, trabalho semelhante ao que fazia na revista *Senhor*. Embora todos os jornais considerassem 'um luxo' ter como colunista uma das escritoras mais admiradas e queridas do país. Foi demitida por telegrama, a mando de Nascimento Brito. Grandes profissionais também foram demitidos ou pediram demissão, como Carlos Leonam, Marina Colasanti e Affonso Romano de Sant'Anna e muitos outros. (MOTTA: 2018, p. 284)

Em 1977, Clarice Lispector escreveu *Hora da Estrela*, sua última obra publicada em vida, onde conta a história de Macabéa, uma moça do interior em busca de sobreviver na cidade grande. A versão cinematográfica desse romance, dirigida por Suzana Amaral em 1985, conquistou os maiores prêmios do festival de cinema de Brasília e deu à atriz Marcélia Cartaxo, que fez o papel principal, o troféu Urso de Prata em Berlim em 1986. Sendo essa sua última publicação em vida. Clarice Lispector faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de dezembro de 1977, vítima de um câncer de ovário, um dia antes de seu aniversário. Seu corpo foi sepultado no cemitério Israelita do Caju.

Clarice Lispector viveu quase duas décadas fora do Brasil e escreveu muitas cartas aos amigos e com olhar cosmopolita, fala nas correspondências sobre os absurdos do cotidiano, as agruras da condição humana e as banalidades da vida. Suas cartas foram reunidas na obra *Todas as Cartas*, publicada em 2020. ("Biografia de Clarice Lispector - e Biografia")

Abaixo, o conjunto das obras publicadas por Clarice Lispector:

Perto do Coração Selvagem, romance (1944); *O Lustre*, romance (1946); *A Cidade Sitiada*, romance (1949); *Alguns Contos*, contos (1952); *Laços de Família*, contos (1960); *A Maçã no Escuro*, romance (1961); *A Paixão Segundo G.H.*, romance (1961); *A Legião Estrangeira*, contos e crônicas (1964); *O Mistério do Coelho Pensante*, literatura infantil (1967); *A Mulher Que Matou os Peixes*, literatura infantil (1969); *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres*, romance (1969); *Felicidade de Clandestina*, contos (1971); *Água Viva*, romance (1973); *Imitação da Rosa[2]*, contos (1973); *A Via Crucis do Corpo*, contos (1974); *A Vida Íntima de Laura*, literatura infantil (1974); *A Hora da Estrela*, romance (1977); e *A Bela e a Fera*, contos (1978).

5. JORNALISMO-LITERÁRIO NAS DITADURAS VARGAS E MILITAR

O crescimento do Jornalismo-Literário se fez necessário a partir da Imprensa estava submetida aos períodos Imperial e Republicano, submetidos ao Estado Novo – que passa à história marcado por ambiguidades no campo jornalístico, polarizado entre os ‘homens de imprensa’ e sua liberdade cerceada pela ação de censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939 para a atividade vigilante da Ditadura Vargas, entre os anos 1930-1940, que se reflete entre a chegada de imigrantes – com jornais em alemão, italiano, francês e inglês – ao lado dos vários jornais abolicionistas e as revistas destinadas à classe média.

A complexidade das relações políticas, que se inicia desse modo vai desdobrar-se até o suicídio de Getúlio Vargas em 1954, e as dificuldades de conciliação política, social e econômica fazem explodir o golpe militar que impõe uma ditadura sangrenta, com milhares de mortos e presos políticos que despontaram por seu saber, a violência física bestial, além de exaurir a economia, apostar na construção de rodovias e não dar nenhuma contribuição ao país, durante 21 anos e se rende aos civis, por estarem sem recursos para pagar a dívida ao *Citibank*, que aqui atende pelo nome de *Bradesco*.

O preço foi a exaustão econômica, a crise gerada pelos militares, a falta de controle na gestão dos presos políticos e a falta de decência de assumir os crimes, com vítimas sepultadas em diferentes regiões do país, a crise na educação, na ciência, na economia, além de perseguir e matar jornalistas como Vladimir Herzog, com a desfaçatez de nunca ter pedido perdão pelo martírio de cidadãos brasileiros.

A imprensa perseguida, vigiada, amordaçada, avançou apesar das dificuldades, do aprisionamento de jornalistas, que permitiram enfrentar dificuldades e crises, mas segue prestando seu serviço à cidadania.

As atuações de literatos como Machado de Assis e Lima Barreto, falecidos nas duas primeiras décadas do século XX – época em que surgiu a Faculdade do Rio de Janeiro – que se torna Universidade por ter criado os cursos de Medicina, Direito e Engenharia, por decisão legal – avançando no tempo em que surgiram outros cursos pontualmente.

Alberto Dines é o jornalista que comandava a redação do Jornal do Brasil (JB) ‘desde janeiro de 1962’, e que dois anos depois mudou o tema para os abusos da ditadura militar, cujo relato mostra os desatinos da repressão: Ele conta que foi convidado para ser paraninfo de formandos em jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, proferindo o

discurso sobre a invasão da Checoslováquia, com milhares de soldados da Alemanha, Bulgária, Polônia e Hungria, sob o comando da União Soviética.

O discurso foi feito, recebeu muitos aplausos, voltou para casa e depois para a casa de campo em Itaipava, onde agentes da Polícia Federal bateram na porta da frente e dos fundos, e o levaram. Passou a noite rodando por unidades até chegar de madrugada à Vila Militar, sendo deixado num cubículo embaixo da escada sem se comunicar com a família e colegas do Jornal do Brasil. Nesta circunstância, reconheceu um capitão dissidente dos ‘tigrões’, o comando mais violento do Exército, que comunicaram ao Lemos, do JB, destacando a prisão de Dines.

A sede do JB tinha duas Agências de Notícias no prédio da Av. Rio Branco, 6. andar: a *Associated Press* (AP) e a *United Press International* (UPI). Os jornalistas iam a todo momento na Redação para saber o que estava acontecendo, e publicaram a notícia no *editorial* do New York Times. Com a repercussão internacional, o Exército o soltou para passar o Natal em casa, tendo que voltar ao meio-dia de 26 de dezembro, ficando preso até janeiro.

Decadente, a ditadura o soltou, com um comunicado para ir ao Comando do II Exército, por terem aberto um Inquérito Policial Militar (IPM) contra Dines. O ‘suposto’ depoimento foi ficar por horas com o Coronel Montanha – o mesmo que deu um tapa na sentinela do Forte de Copacabana – por serem militares mal pagos, decadentes e ligados à União Democrática Nacional (UDN), partido conservador, nessa época com grande truculência nas abordagens da PE. (RIBEIRO: 2015, p. 38)

Como já havia jornais no Rio de Janeiro, os profissionais eram oriundos dos cursos de Direito e posteriormente Letras, permitindo sua atuação. A circunstância surge após o golpe de 1964, quando Clarice Lispector já tinha publicado oito livros, sendo convidada pelo editor Alberto Dines, como *ghost-writer* de Ilka Soares, e que se tornou uma colunista muito bem aceita. (RIBEIRO: 2015: p. 122).

Os cursos de jornalismo só surgem a partir dos anos 1970, quando faculdades e universidades propuseram e foram homologados pelo Ministério da Educação (MEC), com especificidades como os cursos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas, além dos egressos das faculdades de Letras e Direito, que já atuavam nas redações. Hoje já existem diversas áreas novas e Cursos de Pós-Graduação como Especialização.

Este mesmo movimento dos jornalistas-literatos já era conhecido nos EUA e Europa, com gente de grande respeitabilidade em jornais e na literatura como:

Edgar Allan Poe (1809-1849), *Jorge Luis Borges* (1899-1986), *Gabriel García Márquez* (1927-2014),

Tom Wolfe (1930-2018) e *Mário Vargas Llosa* (1936), que possivelmente influenciaram a América Latina, especialmente a América do Sul, todos envolvidos nas ditaduras que enviaram soldados para a Escola das Américas, o centro para o treinamento de militares que participaram das ditaduras latino-americanas, com financiamento e presença de norte-americanos civis e militares.

Ao debater as transições no Brasil Império e República - a dinâmica do leitor diante dos tempos, sempre em mutação - como suas propostas permitem avaliar como as escritas jornalística e literária refletem uma narrativa no tempo presente. Jornalistas como *Luís Fernando Veríssimo* (1936), *Ana Maria Machado* (1941), se dedicou à literatura infantil e à literatura e foi presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), *Zuenir Ventura*, com seu 1968 *O ano que não terminou*, e *Franklin Martins* (1948), que deixou as redações de jornais e revistas, tornando-se ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social, alguns exercendo a docência em universidades, com livros publicados em diversas editoras, que serviram para relembrar a resistência brasileira à ditadura militar, para entender seu papel nos anos de chumbo e retomarem suas atividades em que sempre atuaram.

Alguns deles atuaram de forma subalterna a proprietários de jornais, emissoras de rádio, TVs a cabo e satélites, e de controladores de atividades esportivas dos clubes de futebol, enriquecendo a partir de holding, encabeçada pela TV aberta.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. *História Cultural da Imprensa*: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 5. ed. São Paulo: Summus, 1986.

LAGE, Nilson. *A reportagem*; teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. (“A Reportagem - Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa ... - Issuu”) 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Linguagem jornalística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINS, Franklin. *Jornalismo político*. São Paulo: Contexto, 2005.

MELO, José Marques de. *História do Jornalismo*; itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

MOTTA, Cezar. *Até a última página*; uma história do Jornal do Brasil. (“Até a última página: Uma história do Jornal do Brasil | Amazon.com.br”) Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

RESENDE, Beatriz (Org.). *Lima Barreto*; impressões de leitura e outros textos críticos. Organização e introdução Beatriz Resende. Prefácio Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2017.

RIBEIRO, Belisa. *Jornal do Brasil*; história e memória. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato*; notas para uma teoria do acontecimento. (“A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento (Narration ...)”) 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Manual de boas práticas de leitura*. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra UNESCO de Leitura – PUC-Rio, 2012.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs). *A Experiência da Leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.